

Após mais de dez anos de ausência, Kukas expõe, na Fundação Calouste Gulbenkian, o seu trabalho «Jóias e Objectos». Uma arte para ser vista e para ser usada como objectivo de trânsito quotidiano. Jóias que saem das mãos para voltarem ao corpo, recuperando o exacto valor de estimação

Kukas, um nome para certas jóias

Maria Antónia Fiadeiro

Um riso de fundo contínuo sacode-lhe brandamente o rosto que se anima numa fala quase ininterrupta. Os olhos, tão negros que difícil se torna saber onde fica a pupila, rolam movediços e brilhantes, como berlindes de pedras em chão de areia, batidos por águas de baixa-mar.

O meu primeiro contacto fácil com a matéria foi com a cerâmica. Foi aí que despertei para a criação das formas. Queriam que eu fizesse imitações de flores... comecei a fazer formas diferentes e sentia-me feliz a fazer coisas.

Acontece-lhe falar e rir em simultâneo como quem olha divertida para as coisas que diz nas palavras que usa. O seu ponto de vista recupera o sentido primitivo de uma forma de visão, de um modo de ver.

Interessa-me fundamentalmente a qualidade estética. Não faço jóias preciosas, no sentido tradicional. Tenho necessidade de reabilitar o requinte do objecto quotidiano. Uma forma é um todo. É preciso não estragá-la. É preciso compreendê-la e dialogar com ela. É fundamental partir da verdade da matéria, da natureza e respeitá-la. Digo o mesmo das pessoas. Amam-se as coisas e as pessoas como elas são e não a partir das ideias que fazemos delas.

Kukas começou a fazer jóias, primeiro pelo prazer imediato do contacto físico com a matéria que lhe permitia criar formas novas. Em pouco tempo, verifica que nessa arte poderia afinal concentrar todos os seus esforços contra um convencionalismo geral que produz objectos tradicionais da mesma maneira que reproduz ideias feitas. O preço de uma jóia só lhe confere um valor de transacção, quando mui-

to um elogio da técnica. É o apreço que lhe confere o valor inalienável da estima, apreço pela arte e gosto pela forma são coisas muito preciosas.

O convencionalismo é o caminho da desilusão

Um brilhante valioso pode recuperar a sua humildade material, sem perder o seu valor, se inscrito numa forma linear e simples, readquirindo ao mesmo tempo uma beleza que não seja vil... O ouro e a prata podem surgir combinados, sem que se estabeleça nenhuma relação de hegemonia.

A junção do metal nobre com o metal pobre, do ouro com um cristal de rocha, da prata com pirite ou turmalina, pedras de lua, madeira, tartaruga, tudo pode ter valor de jóia. Duas pérolas japonesas inscritas numa forma de prata, com recorte de concha, é certamente uma subtil maneira das pérolas mostrarem todo o reconhecimento à concha. A divisão entre metais preciosos e não-preciosos, entre pedras preciosas e semipreciosas são divisões que nada têm a ver com a beleza real e com o valor de uma peça. Observação banal e, no entanto, cristalizada em formas e ideias feitas.

Todo o convencionalismo impede a descoberta e é um caminho para a desilusão, pois as pessoas ou não descobrem nada de novo ou descobrem que as coisas não são como elas pensavam. Sou contra as cisões. Para se ver, muitas vezes, é preciso mostrar. Um cristal de rocha pode ter uma sugestão marítima nítida que é preciso realçar. Um pedaço de vidro rugoso inscrito num metal nobre enobrece o vidro. A junção de duas conchas pode dar a sugestão de um fruto tropical. Há folhas com

forma de peixe e peixes com forma de folhas. Uma mancha numa pedra ónix, normalmente um defeito, pode adquirir a qualidade de sugerir uma galáxia. A visão das coisas e a sua realização plástica pode tornar as pessoas mais universais.

Tudo isto acontece independentemente da divisão da natureza em mineral, vegetal, animal e humana. Toda a natureza é preciosa se lhe dermos o devido apreço e nos merecer o mesmo respeito. Há em Kukas uma relação íntima e cúmplice entre as suas mãos de ser humano e as matérias, minerais ou não, que convivem entre si, cheias daquela autonomia que desafia qualquer tipo de dominação e que se impõe apenas com a força que têm as coisas e as pessoas, tal como são.

Para definir a sua criação artística Kukas escolhe expressões como **acentuar uma forma, fazer uma interferência, realçar um pormenor, associar matérias** desavindas. As diferentes naturezas — parece dizer — exigem uma mesma forma de respeito e uma relação afectiva para que possam ter uma existência bela, autónoma e digna.

O seu gosto e interesse pela arte que pratica está muito perto do gosto pela vida. E esse gosto de viver parece muito próximo daquela felicidade infantil em que o conhecimento é fonte constante de prazer e em que a aprendizagem não dispensa nenhum dos sentidos. Kukas mantém intacta a equivalência entre o prazer de descobrir o que já existia e o prazer de inventar, apenas porque cria. O seu riso de fundo é expressão desse encantamento.

Um objecto certo está sempre na moda

Sempre me fez muita impressão as pessoas não saberem como ocupar o tempo... como se o tempo fosse vazio... e sentirem necessidade de matar o tempo. Matar o tempo é matar a vida. É fechar os olhos. Sofrer, ter desgostos são coisas que existem e que a todos atinge. Mas, o aborrecimento, o aborrecer é uma perda de comunicação com o mundo que nos rodeia.

Para precisar a época em que começou a fazer jóias, Kukas vê-se forçada a deitar contas à vida chegando à conclusão que foi no início dos anos 60. O momento de arranque, o impulso determinante, tem contudo na sua memória uma rememoração muito precisa e preciosa.

Foi quando quis dar um presente feito por mim a uma pessoa que me era muito querida. A minha motivação para esta arte tem uma grande carga afectiva. Talvez por isso não faço jóias que estejam na moda. Um objecto certo nunca está dissociado da moda, tem de ter um sentido de perenidade.

Perante uma jóia quase sempre a questão se resume a quanto custa. Mas, quando essa jóia combina o ouro com a madeira, a concha ou a pedra de lua com prata ou com dente de tubarão o olhar leva-nos por outros caminhos e a outras perguntas. Estas, por exemplo: o que dá vida a um corpo não é aquilo mesmo que pode animar uma pérola ou um pedaço de metal? Não há gritos mais fundos do que o mar? Não há rostos mais frios que uma pedra e mãos mais ásperas que uma rocha, corpos mais rígidos que um metal? Qual é o preço subjectivo da estima? Quem é capaz de avaliar objectivamente o seu próprio valor? Viver é saber que se está vivo?

Kukas faz jóias. **Objectos de trânsito**, como lhes chama. Colares que se colam ao corpo, broches que se pregam ao peito, pulseiras que envolvem o braço, anéis que se enfiem nos dedos, brincos que se penduram nas orelhas. Objectos de trânsito, que circulam transportados no próprio corpo. Jóias que não sendo de ostentação são, contudo, exuberantes na sua existência.

O lugar das jóias é o corpo mas o corpo não é mero suporte. Inscritas no lugar certo, escolhidas e estimadas pelo seu valor autónomo, é a pessoa e não a herança que se enriquece. Agarro delicadamente num frágil anel com uma pedra de lua, também no avesso e tento a prova de fogo. Kukas, encantada, esclarece: **as mãos não têm avesso.**



Kukas: «Um pedaço de vidro rugoso inscrito num metal nobre enobrece o vidro»